

A TEOLOGIA DOS APOLOGISTAS PERANTE O MUNDO GRECO-ROMANO NO SÉCULO II D.C: O FILÓSOFO E MÁRTIR JUSTINO E SUA “FILOSOFIA SUPERIOR”

Efstathios Tsotsos⁸⁴

Resumo

O Cristianismo surgiu no primeiro século d.C., época em que o ser humano passava por crise ontológica no seu interior e uma subordinação social-econômica que gerara uma decepção imensa em todas as camadas sociais. Isso por causa das grandes mudanças cosmogônicas que aconteceram no período helenístico, também pelo aparecimento de Império Romano e sua frágil Pax Romana. Naquele tempo, as pessoas viviam sem esperança, sofrendo de insegurança sobre o seu futuro, perdidos em situações que não podiam ser controladas, posicionando-se angustiantemente sobre questões como: “Quais somos, qual a nossa existência, onde ficamos e onde fomos recusados; para onde vamos e de onde vamos ser resgatados, o que é nascimento e o que é renascimento”. Nesse contexto confuso e fluido surge um posicionamento “dinâmico” do cristianismo, proposto pelos seus intelectuais “Apologistas”. O presente artigo trata do desafio que assumiram esses apologistas, principalmente Justino, o filósofo e mártir, que de um lado defenderam o Evangelho de Jesus Cristo e constituíram o ponto de partida para múltiplos desenvolvimentos teológicos posteriores, que só podem ser discernidos à luz desses escritos peculiares e seminais.

Palavras-chaves: Igreja; Apologistas; Mundo greco-romano; Filosofia.

Abstract

Christianity emerged in the first century AD, a time when human beings were going through an ontological crisis within themselves and a socio-economic subordination that produced immense disappointment in all social classes. This was due to the great cosmogonic changes that occurred in the Hellenistic period, also due to the emergence of the Roman Empire and its fragile Pax Romana. People lived without hope, suffering from insecurity about their future, lost in situations that could not be controlled, and they positioned themselves anguishedly on the question: “Who are we, what is our existence, where are we and where have we been rejected; where are we going and from where will we be rescued, what is birth and what is rebirth”. In this confusing and fluid context, a “dynamic” positioning of Christianity emerges, by its intellectual “Apologists”. This article deals with the challenge taken up by the Apologists, especially Justin the philosopher and martyr, who on the one hand defended the Gospel of Jesus Christ and, on the other, constituted the starting point for multiple subsequent theological developments, which can only be discerned in the light of these peculiar and seminal writings.

Keywords: Church, Apologists, Greco-Roman world, Philosophy.

⁸⁴ Efstathios Tsotsos é Doutor em Teologia (PUC-PR); Mestre em Teologia e Pós-Graduação no Novo Testamento Aplicado pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR); graduado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira (Ijuí, RS); curso livre em Paleografia Grega (EAD) pelo Instituto de Paleografia de Atenas, `PauloGrécia; professor da Rede Teológica Batista de Educação em São Paulo e da Coletividade Helênica de São Paulo. E-mail: efstathios.tsotsos@teologica.net

⁸⁵ “τίνες ἡμεν, τί γεγονός ἐστιν, πού ἡμεν, ἢ πού ἐνεβλήθημεν, πού σπεύδομεν, πόθεν λυτρούμεθα, τί γέννησις, τί ἀναγέννησις” (Clemente de Alexandria, “Ao Teódoto” – Πρὸς Θεόδοτον, 4.78,2).

Introdução

Quem poderia imaginar que, depois de um século da morte e ressurreição de Jesus Cristo, alguns cristãos intelectuais, oriundos a maioria das escolas filosóficas do seu tempo, apresentariam o cristianismo, não apenas como uma filosofia, ou seja, como uma manifestação cultural do mundo greco-romano, mas, a filosofia por excelência, a única filosofia (Hadot, 2002, p.321). O posicionamento “dinâmico” do cristianismo perante o mundo gentio e a sua cultura formulada no século II d.C, é manifestado pelos seus representantes “acadêmicos”, os chamados apologistas. Nesse período, quando surge o retorno à busca dos ensinamentos filosófico por meio do “aticismo” clássico, que é apresentado com a “Segunda Sofística,”⁸⁶ os apologistas expressam a teologia da Igreja, embora num estado primitivo e menos sistematizado, como foi apresentado nos séculos posteriores.

Enquanto os apóstolos e seus seguidores do primeiro século destinavam os seus escritos, em maior parte com forma de “epístola”, para as igrejas locais estabelecidas, tendo o objetivo de resolver os seus problemas internos, os apologistas, com suas obras, direcionaram-se ao público gentio. Eles mesmos, estudando nas grandes escolas filosóficas, enviavam a sua literatura apologética aos formados na filosofia helênica, principalmente aos imperadores

romanos, ⁸⁷ao senado e aos intelectuais da cultura ⁸⁸greco-romana. A intenção dos apologistas era defender a sua fé perante esses intelectuais gentios que desprezavam o ensino cristão e, se posicionarem contra as perseguições, acusações e ofensas injustas que a Igreja sofria no século II d.C. Os apologistas deveriam encontrar um contato comum com as pessoas a quem dirigiam os seus escritos, uma vez que queriam chegar ao entendimento racional e, por isso, foram obrigados usar uma ferramenta adequada àquela época (Jaeger, 1991).

A partir dessa prioridade da Igreja que sofria perseguições e acusações injustas, os Apologistas, assumiram a responsabilidade de fazer uma “associação” entre as relações do cristianismo e a filosofia da sua época, pois havia a suposição de que era uma seita fechada, a qual advogava a ignorância completa à cultura. Tendo um conhecimento considerável das filosofias do seu tempo, os apologistas escolheram uma forma didática de discurso, respondendo, assim, às objeções e às difamações dos gentios, e dos judeus líderes também, contra os ensinamentos da Igreja (Moxas, 2003). Os apologistas, com seus passos decisivos foram portadores do evangelho de Cristo, usando as mesmas ferramentas da linguagem filosófica, para desenvolver e sistematizar a sua teologia. Eles usaram os conceitos e os termos da filosofia,

⁸⁶ O termo “Segunda Sofística” foi cunhado por Filóstrato, (Flavius Philostrates o Atenienense, viveu entre 170 e 250 d.C. e foi o responsável pela a escrita das obras Apolônio de Tiána e As Vidas dos Sofistas), no intuito de classificar um fenômeno cultural e intelectual que teve seu florescimento no decorrer do primeiro século d.C., estendendo-se até o século IV e V. O retorno intenso ao “glorioso” passado clássico para a busca de questionamentos, sobre o modo de vida, na tentativa de copiar quase imitativamente o dialeto ático, resumem a característica da Segunda Sofística, a qual, em contraste ao movimento dos sofistas do século V a.C., pouco se ligou com a política, porém, atendeu às necessidades e aos problemas práticos da sociedade greco-romana, dominou a educação superior e influenciou muitos ramos da literatura. Em sua obra “Vida dos Sofistas”, escrita no início do século III d.C., Filóstrato trata daqueles “virtuosos” que viajavam de cidade em cidade, atraindo audiências com suas exposições e ganhando aplausos e honras, estátuas e privilégios. Dessa forma, a conceituação da Segunda Sofística surge em uma tentativa de denominar as atividades de um grande número de retóricos, filósofos e intelectuais. As formas retóricas que, nos primeiros séculos cristãos, os apologistas apresentaram, como um estilo literário, referem-se aos discursos retóricos dos atenienses, Górgias e Isócrates. Disponível em: <https://ejournals.lib.auth.gr/synthesis/article/viewFile/8559/8213> Acesso: 17/01/2024. Veja também, Graham Anderson. The Second Sophistic. A Cultural Phenomenon in the Roman Empire, London: Routledge, 2006, pp. 47-69.

⁸⁷ No século II d.C., dominava a dinastia dos Antoninos, dos chamados “imperadores filósofos”: Adriano, Antonino Pio, Marco Aurélio e seu filho Comodo (Christoy, 1978, p. 525).

⁸⁸ O significado do conceito “cultura” pode possuir muitos sentidos e interpretações, pois, eles acabam enfatizar num dos seus parâmetros, ou dos seus componentes. Por isso, têm sido formulados, desde século IX d.C., várias definições; uma delas e especificamente completa, define a cultura como, “o modo da vida de um povo, no qual, são incluídos os valores, as artes e ciências, os sistemas filosóficos, as crenças religiosas e qualquer outra coisa, além dos fenômenos da natureza, que consiste em um produto, ou extensão do intelecto e da ação do ser humano” (ΠΕΛΕΓΚΡΙΝΗΣ, Θεοδόσης. Λεξικό της Φιλοσοφίας. Αθήνα: Ελληνικά Γράμματα, 2005, σ. 481).

que consideravam como “serva” da teologia (Foygias, 1992, p.160), por isso, antes de ser apresentada a argumentação dos apologistas, deve-se abordar como os pensadores antigos entendiam a relação do homem com o divino e com a criação do mundo.

1 - A busca do ser e a “Teologia”⁸⁹ dos filósofos Gregos

A teologia cristã e suas doutrinas estão baseadas na revelação de Deus ao ser humano, através da encarnação do Seu filho unigênito Jesus Cristo. A filosofia humana, como foi apresentada na antiga Grécia por seus filósofos, inicialmente os chamados pré-socráticos e, mais tarde, pelos eminentes Platão e Aristóteles, tinha como objetivo chegar ao conhecimento da primeira arché (ἀρχή – origem) e a criação dos entes, os quais consistem no mundo. Para o pensamento helênico a cosmologia era uma coisa “estática”, ou seja, a arché. A origem do mundo não era de um ato que aconteceu num momento da história, mas, era algo essencial que determinava a existência do mundo e a conservação da sua harmonia, independente do seu começo no tempo, por isso, não havia um consenso comum entre os poetas antigos gregos, sobre a “teogonia”, ou seja, a criação do mundo. Outro ponto era a teogonia de Homero, outra de Hesíodo, outra de Orfeu, além das tradições populares desconhecidas.

Na Jônia, na Ásia Menor, e nas cidades antigas gregas, no sul da Itália, no século VI a.C, começou a contestação religião politeísta e as suas convicções míticas através de pensadores

chamados filósofos. Marcondes (2013, p.21) de um lado, afirma que Tales, da cidade de Mileto, foi o iniciador do pensamento filosófico – científico, porque esse pensamento nasce basicamente de uma insatisfação humana de explicar o real do pensamento mítico. Do outro, Matsoucas (1997, p. 48) refere que o matemático Pitágoras usou pela primeira vez o termo filósofo para caracterizar a si mesmo. Antes dele eram usados os termos, sábio – σοφός e sofista – σοφιστής.⁹⁰ Marcondes (2013, p.19) mencionando o nascimento da pesquisa científica na antiga Grécia e seu papel significativo no desenvolvimento da ciência na atualidade escreve que:

Os diferentes povos da Antiguidade – assírios babilônios, egípcios, persas e hebreus – todos, tiveram visões próprias da natureza e, maneiras diversas de explicar os fenômenos e os processos da natureza. Mas, só os gregos, entretanto, fizeram ciência e na cultura grega pode identificar o princípio deste tipo de pensamento, o qual é denominado como pensamento de filosófico – científico. (Marcondes, 2013, p.19)

Pela primeira vez – além da revelação de Deus ao povo de Israel – nesse contexto evolutivo de pensar, os filósofos pré-socráticos desenvolveram a ideia de um só Deus, negando o politeísmo e a idolatria e tentando configurar uma ideia suprema sobre Deus, purificando, assim, o conceito divino de todos aqueles elementos, que tinham acumulado à mitologia superstição e pensamento primitivo e místico

⁸⁹ O termo que é usado em grego não é teologia – Θεολογία, que se refere, principalmente ao Deus único que foi revelado no cristianismo, mas, na literatura antiga grega aparece o termo, “Theiologia” – Θειολογία, que é referido, em geral, à divindade, ou ao divino (Θεός+λόγος, a busca sobre o divino). Μαντζανάς, Μιχάλης. Η έννοια του θείου στην Αρχαία Ελληνική Φιλοσοφία. Αθήνα: Γρηγόρης, 2017, pp. 10-11.

⁹⁰ A partir de meados do século V a.C., desenvolveu-se uma nova tendência educativa – principalmente em Atenas, após as guerras com os persas – que tinha como protagonistas homens inteligentes e eloquentes, os chamados sofistas. O movimento sofista baseia-se, obviamente, numa rica tradição intelectual, principalmente a dos filósofos pré-socráticos, com os quais mantém um diálogo crítico. As inovações dos sofistas e suas posições originais nascem desse confronto frutífero. Assim, na antiguidade, o termo significa, em primeiro lugar, aquele que possui profundamente, a sabedoria, de uma arte, o poeta, o músico, o orador, o sábio, até o prudente governador, daí o homem hábil e inteligente. Disponível em: https://www.greek-language.gr/digitalResources/ancient_greek/encyclopedia/rhetoric/page_011.html Acesso: 13/09/2023

das massas. Xenófanēs, da cidade Colofon – Ξενοφάνης ο Κολοφώνιος (570-480 d.C.),⁹¹ chegou à conclusão de dizer que não fora Deus, ou os deuses que criaram o homem segundo a sua imagem (como contavam os mitos de muitos povos, tendo poucas variações entre eles), mas o próprio homem criou os seus deuses segundo a sua forma humana.⁹² Assim, o mundo dos seus deuses era a representação idealizada do seu mundo e do seu ambiente onde eles vivem (Ziegler, 1960, p.136).

A origem e a formulação do Cosmos era uma questão no pensamento helênico, porém cercado aos limites de um pressuposto básico. A inexistência e o “nada” são conceitos sem nenhum conteúdo ou sem correspondência em si. No olhar de Matsoucas (1990, p.37), trata-se apenas de expressões figurativas que apresentam relações entre situações e coisas, ou seja, é incompreensível a concepção da criação, ou da origem de uma realidade por meio do “nada”.⁹³ A filosofia antiga helênica faz distinção entre a matéria e a realidade. Isso significa que uma coisa é a realidade e outra a matéria e o mundo. A sua cosmovisão principal é que apenas o não gerado e imutável é o real e imortal. Cada coisa que tem começo no tempo, tem fim também.

Para Platão, a filosofia é essencialmente teoria, isto é, a capacidade de ver, através de

um processo de abstração e de superação da experiência humana concreta. O conhecimento teórico é necessário e indispensável para o método de análise, precedendo-o e tornando-o possível. A teoria do conhecimento pressupõe, portanto, a teoria da realidade, a ser conhecida, a metafísica, ou segundo uma terminologia posterior, a ontologia (Marcondes, 2013, p. 57). Um dos principais ensinamentos de Platão é o mundo das ideias. Segundo Platão, o mundo visível e a alma do ser humano são cópias do mundo real, do mundo das ideias e, também, esse fenômeno é a queda que aconteceu do mundo da realidade, que é o mundo das ideias. Essas ideias são “essências independentes, imateriais e imutáveis, no entanto, inabordável aos sentidos do ser humano e apenas são visíveis pelo entendimento.”⁹⁴ Segundo Platão, deus é o absoluto, onde não tem “arque” – começo, o qual “sempre é sendo ser, imutável, nem aumenta nem decline” (Kalfas, 1998, p. 18).

Por outro lado, Aristóteles aceitava a teoria das ideias de Platão, mas não estava de acordo com ele na questão que, essas ideias eram essenciais independentes e fora das coisas sensíveis. Na lógica de Aristóteles as ideias existem como espécies em relação às coisas perceptíveis e, ainda, como dinâmicas, ou então, poderes que formam a matéria. A espécie junto com a matéria consiste na essência dos

⁹¹ Xenófanēs - Ξενοφάνης ο Κολοφώνιος (570-480 a.C), nascido na cidade de Cólofon, na Ásia Menor, foi o primeiro filósofo que falou com ironia sobre as características humanas dos deuses, negando o politeísmo predominante da sua época. Além disso, Xenófanēs descartou a imagem que as pessoas tinham criado para os seus deuses, como também, criticou os seus mestres “oficiais”, Homero e Hesíodo pelos antropomorfismos e a imoralidade que os atribuíram, declarando que; “um Deus entre os deuses e dos homens, supremo, nem semelhante de corpo como os mortais, e nenhuma razão racional que pode percebê-lo” (Εἰς Θεός, ἐν τε θεοῖσι καὶ ἀνθρώποισι μέγιστος, οὔτε δέμας θνητοῖσι ὅμοιος, οὔδ' ἐ νόημα). A tradução é do autor (Ziegler, Konrad. Ξενοφάνης ο Κολοφώνιος: ένας επαναστάτης τού πνεύματος. ΕΠΕΤ, Θεσσαλονίκη, 1960. pp.125-144).

⁹² Xenófanēs chega ao ponto de criticar fortemente o disparate e o engano das pessoas de criar os deuses à vontade, como eles mesmos os imaginavam, dizendo: “Mas, se os bois, os cavalos, ou os leões tinham mãos, ou poderiam de desenhar com as suas mãos e fazerem as obras que os homens fazem, os cavalos se representariam os seus deuses como cavalos, os bois como bois e, teriam desenhado os seus corpos, como o seu” (ἀλλ' εἰ χεῖρας ἔχον βόες <ἵπποι τ' > ἢ ἐ λέοντες ἢ γράψαι χεῖρεσσι καὶ ἔργα τελεῖν ἄπερ ἄνδρες, ἵπποι μὲν θ' ἵπποισι βόες δέ τε βουσὶν ὅμοιας καὶ <κε> θεῶν ἰδέας ἔγραφον καὶ σώματ' ἐποίουν τοιαῦθ' οἷόν περ καὶ τοὶ δέμας εἶχον <ἐκαστοι>). Xenofanes, fragm. 15. Κελεσίδου, Α. Η φιλοσοφία του Ξενοφάνη. Αθήνα: Ακαδημία Αθηνών, 1996.

⁹³ Essa verdade é percebida de todo o âmbito da filosofia grega e, por isso devem ser mencionados alguns escritos característicos. Os filósofos atômicos, Demócrito e Leucipo, quando falam sobre o vazio entre dos átomos da matéria, consideram o lugar onde ficam e movem os átomos. Também, “o não ser” dos platônicos e neoplatônicos não é o “nada”, mas, aquilo que não se identifica com o incorruptível, compreensível e eterno mundo. Platão não aceita o sistema monístico dos filósofos pré-socráticos, mas o dualismo. A única origem – os princípios para a criação de cada coisa é somente as ideias. (Ματσουκά, 1997, π. 37-38).

⁹⁴ Segundo Platão, a alma mantinha sua memória das lembranças dessas ideias, ao seu tempo da sua preexistência, antes ela ficasse presa no corpo. Portanto, a resgate do homem é alcançando quando a sua alma seria liberta do corpo, que é a sua prisão. ΙΕΡΟΘΕΟΣ, Βλάχος. Τό Πρόσωπο στη Όρθόδοξη Παράδοση. Disponível em: <http://www.oodegr.com/oode/filosofia/diafores1.htm> Acesso: 06/10/2023

entes. No sistema filosófico de Aristóteles a linguagem muda definitivamente. No olhar de Kalfas (1998, p. 38), como na época de Sócrates e Platão a própria filosofia mantinha o seu contato com o homem comum, assim, na nova linguagem de Aristóteles, a filosofia para se tornar compreensível, pressupõe uma familiarização que procede de um estudo específico. Aristóteles acreditava que era necessário haver uma linguagem peculiar e, um modo de expressão particular, para dar mais clareza. E por isso, as suas obras contêm inúmeros termos filosóficos e neologismos, que obviamente são direcionados a um público intelectual específico.⁹⁵

Na sua obra física, Aristóteles examina o que é a matéria, a movimentação, vazio, o infinito e o tempo. Ele diz que física é tudo que inclui dentro de si a *arché* da movimentação. Com essa movimentação sai a matéria bruta e se torna uma forma, uma espécie. Mas, a primeira *arché* não fica na matéria e procede de deus, o qual é o “primeiro motor”, isto é, o “motor imóvel” (τό ἀκίνητο κινούν). Aristóteles aceita que o mundo foi criado por deus (θεός), mas, ao mesmo tempo, ele ensina que o mundo preexiste eternamente.⁹⁶ Ele, em contraste a Platão, valoriza mais o saber empírico e a ciência natural, enquanto cria uma concepção fortemente sistemática do saber, de grande influência na Antiguidade, valorizando igualmente as questões metodológicas, e desenvolvendo uma lógica que marca profundamente toda a tradição até o período moderno (Marcondes, 2013, p. 82).

Nesse contexto anteriormente mencionando, o cristianismo, sendo nomeado por parte dos gentios como uma nova religião dentro no vasto império romano, encontrou a cultura helênica,

que difundia em todas as áreas da vida dos povos conquistados pelos romanos. Muitos eram os fatores de confronto entre essas duas cosmovisões opostas, mas, também muitos eram os pontos de aproximação e da sua síntese criativa. Um dos fatores com a maior divergência era a questão já apresentada, como foi criado o mundo: era a matéria preexistente a causa da criação, como acreditava o Platonismo, ou a criação que foi feita “do nada”, por meio de um Deus transcendente? Sendo assim, desde começo, a igreja entrou num desafio imenso de relacionar a pessoa de Cristo, de um lado com Deus e de outro com o mundo. Aliás, o foco principal foi de apresentar a sua cristologia, colocando Cristo Jesus no centro de toda a criação (Zezoylias, 2007, p.104).

2 - A Teologia Cristão apologética contra a filosofia Greco-romana

A cristologia inicial, no seu primeiro contato com a filosofia do mundo greco-romano, empregou, como um dos elementos essenciais, a sua ligação com a cosmologia, porque esse foi o ponto crucial para a abordagem helênica e para a busca ontológica. O emprego da dimensão cosmológica da cristologia inicial pelos escritores cristãos significava que a identidade de Cristo – na pergunta de próprio Jesus, “quem dizem os homens que eu sou” – não estava mais relacionada, como era no começo, a uma referência simples à escatologia, a qual apoiava a tese que Jesus é Deus, porque, como Filho de homem, julgaria o mundo no final da história, mas estava ligada ao começo da criação, isso é, Jesus que conservava e interpretava o mundo. A preexistência de Cristo antes da criação se torna o elemento básico da cristologia (Zezoylias, 2016, p.108.). As primeiras sementes e manifestações dessa

⁹⁵ Apesar da linguagem básica de Aristóteles ser incorporada nas teorias filosóficas posteriores, outra é a terminologia dos Estoicos, outra dos Neoplatônicos e outra dos Escolásticos da época medieval. O fato é que um bom número de termos que a filosofia e a terminologia científica usa até hoje foram criados, ou tiveram o seu sentido filosófico atribuído por Aristóteles. Termos como, “matéria, potência, energia, teoria, empiria, categoria, silogismo, física, lógica, poética, fantasia, entre outras fazem parte da filosofia Aristotélica” (ΚΑΛΦΑΣ, 2015, p.38).

⁹⁶ ΘΡΗΣΚΕΥΤΙΚΗ ΚΑΙ ΗΘΙΚΗ ΕΓΚΥΚΛΟΠΑΙΔΕΙΑ. Τόμος 3ος, pp. 145-146.

cristologia já são evidentes ao apóstolo Paulo, mas, parece que é desenvolvida por pessoas, independente de um e do outro, dentro na comunidade cristã primitiva, como um tipo de teologia que é incorporada aos diferentes textos do Novo Testamento. Segundo Zezoulis (2016, p.109), Cristo foi o centro de todo kerygma apostólico uma vez que:

É notável que essa cristologia é observada aos hinos litúrgicos que estão circulados independente, e estão usados, seja de Paulo, seja de João, ou de outros escritores aos seus textos. Tais hinos se encontram nas epístolas aos Filipenses, aos Colossenses, na primeira epístola de Timóteo, na primeira de Pedro, aos Hebreus e no evangelho de João. Em todos esses hinos há uma cristologia adaptada para os interesses cosmológicos do mundo helênico. O elemento básico e essencial que é apresentado nessa adaptação é a declaração da identidade divina de Cristo com uma maneira ontológica: Jesus é Deus, não porque é o “filho do homem” que vai julgar a história, mas, é Deus porque Ele é a “imagem de Deus invisível” e “o resplendor da sua glória e a expressa imagem da sua pessoa.

Oséculo II d.C. foi o ponto marcante para a igreja e para o seu relacionamento com a filosofia do helenismo, porque o kerygma cristão cada vez penetrava em todas as camadas sociais e

intelectuais do império romano. Surgiu assim, um grande corpo da literatura “apologética”, através da qual, os cristãos apresentaram o seu ensino e argumentaram a sua defesa contra as acusações dos gentios. Esses novos defensores da fé cristã, ao olhar de Jaeger (1991, p.43), tinham de encontrar um ponto comum com as pessoas a quem se dirigiam, se quisessem chegar a um entendimento. Essa tentativa só podia ser feita na atmosfera da cultura intelectual grega, como os apologistas do cristianismo fizeram ao escrever para pessoas mais cultas, incluindo os governantes romanos de uma cultura superior, como foram os imperadores Adriano, Antonino Pio, Marco Aurélio e seu filho Comodo (Jaeger, 1991, p.44).⁹⁷ Críticas severas e, algumas vezes, posicionamentos ambíguos circulavam por nomes como, o do sofista e orador Luciano de Samosata,⁹⁸ do filósofo e médico Galeno⁹⁹ e do filósofo Celso.¹⁰⁰

Os apologistas eram pensadores cristãos que, através do seu ecletismo, apresentavam muitas das cosmovisões filosóficas que não passaram ao Cristianismo. Eles insistiam aos básicos princípios dos ensinamentos bíblicos e rejeitavam cada ensinamento filosófico que era oposto no evangelho. Os escritos apologéticos do século II d.C. revestem, principalmente a forma do discurso ou diálogo elaborados conforme as regras da retórica grega, porém de um caráter simples. Na abordagem de Campenhausen (2015, p.15), esses intelectuais cristãos eram “mestres teológicos, confiantes em seus próprios trabalhos intelectuais, o que

⁹⁷ Os imperadores, por exemplo, aos quais Justino dirige a sua primeira apologia são nomeados como, “homens piedosos e filósofos”, ou “amantes da cultura” – Paidéia helênica (1Apol. 1.1-2). Por isso os apologistas aproveitaram não apenas para defender a Igreja e sua fé, mas, também exercer uma crítica opoente da situação religiosa e política, que era hostil e injusta contra os cristãos (Logothetoy, 1930, p. 58).

⁹⁸ Luciano de Samósata (Λουκιανός ο Σαμοσατεύς, 125 d.C.-181 d.C.) foi um sofista e retórico que, inicialmente aproximou o cristianismo e escreveu uma sátira para zombar a caridade cristã, ou seja, o amor de Cristo que os cristãos mostravam entre si nos seus encontros e, também, para descrever a ousadia, ou destemor que manifestavam perante a sua morte durante as perseguições contra eles.

⁹⁹ Cláudio Galeno (Κλαύδιος Γαληνός, 129 d.C.-199 d.C.), mais conhecido como Galeno de Pérgamo, foi um proeminente médico e filósofo romano de origem grega. Em sua obra “Sobre as Diferenças dos Pulsos”, escreveu que considerava os cristãos com uma fé sem lógica, ou seja, sem razão porque era baseada em parábolas e milagres, todavia ele os respeitava e, em geral, admirava o seu comportamento e seu modo de viver, considerando a comunidade cristã como uma “escola filosófica”. Γαληνού, Περὶ Διαφορᾶς Σφινγμῶν, βιβλίον ΙΙ.4, na obra de, Margaret Y. MacDonald, Early Christian Women and Pagan Opinion, 1996.

¹⁰⁰ Celso – Κέλσος foi um filósofo platônico eclético do século II. Em sua obra Αληθής Λόγος – “Aléthés Logos” (Palavra Verdadeira), tentou atacar e ferir os ensinamentos cristãos no seu fundamento teórico e filosófico. Celso escreveu a sua obra por volta de 170 – 180 d.C., caracterizando os cristãos como pessoas de “intelecto inferior” e o seu ensino sendo produto do pensamento “bárbaro e incivilizado”, direcionado para os homens imbecis e sem instrução. A obra de Celso foi conservada, em maior parte no escrito de Orígenes, “Contra Celso”, o qual foi escrito 70 anos depois (250 d.C.), respondendo às acusações de Celso e dos outros filósofos, demonstrando assim a grandeza de Orígenes sobre a defesa do cristianismo e sua contribuição para o desenvolvimento do mundo greco-romano.

pressupõe uma formação e treinamento acadêmico e empenho em defender, estabelecer e desenvolver a verdade cristã”. Visam a demonstrar que a filosofia, baseada meramente na razão humana, obscurecida pelas maquinações dos demônios, conheceu parcialmente a verdade, entremeando-a com erros; que o cristianismo, ao contrário, apresentava a verdade íntegra e absoluta (Altaner, B e Stuiber, A. 1972, p.71).

Os apologistas declararam que a fé na pessoa de Cristo, no qual os cristãos o reconheciam como, único Senhor e Salvador, pode ser manifestada como “hyper-logos” – υπέρλογος (além da razão humana), mas, essa fé não é absurda e incongruente, ou seja, não é contra o raciocínio humano. Com esse tipo de exposição do discurso que eles apresentaram, abriram as portas da Igreja para um diálogo fértil com os seus acusadores, ou seja, com a cultura greco-romana e seus representantes intelectuais. Usando argumentos racionais e através da mesma linguagem que os filósofos se tratavam, demonstraram não apenas a verdade revelada na sua mensagem cristã, mas também a falsidade e o engano da idolatria e dos mitos que os próprios filósofos ensinavam ao seu público. Além disso, boa parte dos escritos dos apologistas era dirigida, primeiramente aos judeus e consistia na continuação orgânica da apologética judaica no período helenístico e da apologia cristã, que tem seu fundamento nos livros do Novo Testamento,¹⁰¹ principalmente dos Evangelhos e Atos dos Apóstolos (Tsames, 2001, p. 51).

Com essa ousadia dos apologistas, o cristianismo saiu de uma estreita e limitada posição, que estava nas primeiras décadas da sua existência, seguindo posteriormente a uma

parte da ação missionária de apóstolo Paulo, apresentada a um público mais amplo e mais culto o seu ensino elevado e superior entre de todas as filosofias humanas. Uma razão sobre essa reação dos apologistas era a depreciação e hostilidade dos gentios, principalmente dos intelectuais, contra os cristãos, os quais eram considerados como pessoas “recém-chegadas”, sem história, sem pátria e sem um livro sagrado (Filoramo, 1997). A “filosofia cristã”, como a maioria dos apologistas a chamava, não era oriunda do pensamento humano, mas emanava de Deus por meio do Seu Filho Unigênito, Jesus Cristo encarnado, que restaurou a sociedade da idolatria e levou o ser humano, novamente à presença de Deus. Os apologistas do segundo século d.C, tentaram demonstrar a “racionalidade” do cristianismo que não é longe a verdade completa que foi revelada pelo “Logos” encarnado. Pepin resume o argumento deles dizendo que:

Se algumas ideias das escolas filosóficas coincidem com aquelas dos cristãos, é porque tanto os filósofos, quanto os cristãos participam no Logos divino, apesar de que a sua participação é muito diferente, pois, os filósofos conheciam o Logos por parte (isso mostra as vezes o seu sucesso, mas os seus erros e das suas contradições também), enquanto os cristãos possuem a totalidade de Logos, porque receberam o próprio Logos, na pessoa de Jesus Cristo. (1989, pp. 252-253).

Porém, embora os apologistas atuassem no II século d.C., o início da apologética cristã foi pelo próprio Jesus Cristo, que se defendeu perante os líderes religiosos do judaísmo e

¹⁰¹ O propósito dessas apologias dos escritos do Novo Testamento tinha a ver com as questões principais dos fariseus e líderes do sinédrio dos judeus, que os apóstolos e seus seguidores tentaram responder. Questões como: porque os judeus não reconheciam Cristo Jesus como Messias, apesar dos milagres que Ele fizera e por cumprir todas as profecias do Antigo testamento que apontavam para ele e, como foi possível de ser crucificado o Filho de Deus que revelava a mistério do amor Divino para o ser humano? Apologistas com essa problemática escreveram: Justino filósofo e mártir (Diálogo com Trifão), Ariston Pellaio (Antilogia de Papisco e Jason), Apolinario de Ierápolis (Aos Judeus) e outros (Tsames, 2001).

as autoridades políticas romanas, quando foi condenado na última semana da sua Paixão. Logo depois, no livro de Atos, encontram-se os discursos apologéticos do protomártir Estevão, do apóstolo Paulo aos judeus e aos intelectuais atenienses no areópago e, mais tarde, a exortação de Pedro aos cristãos e seus leitores da sua carta, onde os exorta de serem sempre prontos para “apologia”, por causa da sua esperança em Jesus Cristo (1Pe 3.15). Sendo assim, os escritos dos apologistas desse período expressam os ensinamentos e a teologia da Igreja e, a sua perspectiva de defender a fé e dialogar com os componentes básicos da cultura da sua época. Os principais apologistas do século II d.C. foram, Justino - o mártir, Atenágoras, Aristides o Ateniense, Quadrato, Aristão, Milcíades, Apolinário e Melitão, porém, o mais eminente de todos foi Justino, o chamado filósofo.

3 - A “filosofia Cristã” segundo Justino, o filósofo e mártir

Segundo seu aluno Taciano, Justino foi caracterizado como um homem, “admirabilíssimo”¹⁰² que, na sua vida cristã, não era distante das virtudes dos apóstolos,¹⁰³ da mesma forma, por Tertuliano, foi chamado como, “filósofo e mártir”.¹⁰⁴ Ele se distingue dos outros apologistas do século II d.C. por sua originalidade, que tinha a ver com o seu genuíno desejo de que, a mensagem salvífica de Cristo Jesus chegasse às pessoas que buscam a verdade, mesmo que fosse por meio da filosofia humana. Justino destaca a superioridade dos ensinamentos cristãos, a “verdadeira filosofia” como chamava as verdades reveladas por Cristo,

chegando à conclusão dizer que o cristianismo é “a única filosofia segura e compatível”.¹⁰⁵

Justino atuou na época dos imperadores romanos¹⁰⁶: Antonino Pio e Marco Aurélio, dos chamados “filósofos”, aos quais ele dirige as suas apologias. No período desses governos, ele se tornou cristão. De acordo com o próprio Justino (1Apol. 1.27-28) era filho de Priscus e neto de Baqui e foi nascido, provavelmente no começo do século II (100-110 a.C.) na cidade romana, Flávia Neápolis da Samaria (atualmente a cidade Nablus, da Síria), que foi construída em cima das ruínas da antiga cidade bíblica da Palestina, Siquém. Justino, do ponto de vista de Liebaert (2000, p.78) embora tenha crescido na formação grega, a sua origem de Samaria indica que, tinha um conhecimento das tradições exegéticas judeu-cristãs, as quais contribuíram na construção do seu pensamento para obra literária. Na sua juventude, foi atraído pela filosofia do seu tempo, percorrendo várias escolas filosóficas e ouvindo os seus ensinamentos o que o levou a muitas decepções. Compenhausen descreve sobre essa busca de Justino:

Justino deseja explorar em todas as direções, para se tornar familiarizado com todo o monstro “de muitas cabeças” (Dial. 2.2) da filosofia. Ele considera os ensinamentos dos estoicos um campo de estéril porque eles não exploram os assuntos relacionados a Deus de modo real. O filósofo peripatético o decepcionou ainda mais, porque depois de alguns dias ele levantou a questão do pagamento, que é tão

¹⁰² O “Θαυμασιώτατος” – thaumaciótatos. Taciano, Λόγος πρὸς Ἕλληνας (Discurso aos Gregos), 20.19.

¹⁰³ “Ἰουστίνος δὲ ὁ Νεαπολίτης, ἀνὴρ οὔτε τῷ χρόνῳ πόρῳ ὢν τῶν ἀποστόλων οὔτε τῇ ἀρετῇ” (Alia Fragmenta, 1).

¹⁰⁴ Tertuliano, Adversus Valentinianos 5.

¹⁰⁵ «τοῦτην μόνην εὗρισκον φιλοσοφίαν ἀσφαλὴ τε καὶ σύμφορον» (Dial. 8. B.E.P. 3, 216). Todavia, outros apologistas também caracterizavam o cristianismo como uma filosofia. O apologista Taciano dizia: “Ἡ καθ’ ἡμᾶς βάρβαρος φιλοσοφία – segundo a nossa filosofia bárbara” (Λόγος πρὸς Ἕλληνας-Aos Helenos, 35. B.E.P.E.S. 4, 264), “ἡ ἡμετέρα φιλοσοφία – a nossa filosofia” (Πρὸς Ἕλληνας-Aos Helenos. 31. B.E.P.E.S. 4, 261), “o Taciano que autocaracteriza a sua filosofia segundo os bárbaros – o κατὰ βαρβάρους φιλοσοφῶν Τατιανός” (Πρὸς Ἕλληνας-Aos Helenos. 42. B.E.P.E.S. 4, 267) e os apologistas também, Meliton e Miltíades, os quais chamam o ensino cristão de filosofia, de acordo com Eusébio, V, 17,5 (B.E.P.E.S. 19. 336).

¹⁰⁶ Por meio dos apologistas, no século II, é cumprido o dito de Jesus: “E, por causa de mim, sereis conduzidos à presença de governadores e de reis, para dar testemunho perante eles e perante as nações”. (Mt 10,18).

indigno de um filósofo. Os pitagóricos dissuadiam o pesquisador a buscar menos que o conhecimento, que para eles pressupunha um conjunto de informações musicais, astronômicas e geométricas, o qual Justino não possuía nem tinha tempo para adquirir. (2015, p.17).

Finalmente, Justino seguiu o platonismo, pois foi aceito por um mestre platônico que o fascinou pela teoria das “ideias” e do entendimento das “coisas imateriais e invisíveis”, quando achou ter encontrado a verdade.¹⁰⁷ Não se sabe exatamente em qual cidade foi ensinado o platonismo, provavelmente em Atenas, ou na Cesareia da Palestina (Christou, 1978). Justino, por um lado, inicialmente ficou satisfeito com o platonismo, porém, as dúvidas começaram a atingi-lo novamente e, o vazio que sentia no seu interior desde o início, não havia sido totalmente preenchido. O cristianismo, por outro lado, era tratado pelos filósofos com ironia e desprezo, como uma “religião de bárbaros e analfabetos”,¹⁰⁸ mas, em geral, entre os povos do império não era apreciado, por causa de seu rigor moral e seu afastamento das manifestações sociais.

A filosofia helênica, para Justino, era uma “amálgama” de várias posições sobre as questões cosmológicas, postas com base de interpretações teóricas, muitas diferentes da revelação de Cristo. De acordo de Theodorou (1978), a filosofia para Justino era um processo

intelectual, que não conseguiu misturar as várias divergências dos filósofos, apesar de não fracassarem totalmente em sua busca sobre o ser divino.¹⁰⁹ Na percepção de Justino, a filosofia dos gregos era “multiforme”, mesmo tendo muitas escolas com linhas de pensamento, o alvo da ciência de todas elas era somente um.¹¹⁰ Caracterizado o cristianismo como filosofia, Justino tentava enfatizar o caráter, por excelência espiritual do cristianismo, distinguindo-o de outras religiões orientais e destacando a contradição imensa que existia entre ele e o sincretismo gnóstico da sua época.¹¹¹

O pensamento de Justino, como aparece nas suas obras seguiu dois eixos centrais: a) a possibilidade da razão humana de aproximar a verdade e b), todas as profecias das Escrituras cumpridas na pessoa de Cristo Jesus. Justino alegava que existe em toda raça humana, por natureza, ou seja, inata, alguma semente de Logos (2Apol. 8.1). Por meio desse pressuposto, ele reconhecia que, “toda coisa boa que foi dita no passado pelas pessoas sabias é nossa, dos cristãos” (2Apol. 13.4). Estudando as obras de Justino, é possível observar que ele é o primeiro cristão que tenta fazer uma análise mais profunda dos textos do Antigo Testamento, usando o método tipológico, usado pelos próprios judeus, também (Papadopoulos, 2011). Sua obra não é sistematizada e não reflete todo ensino cristão, mas isso pode ser justificado porque boa parte de sua obra foi perdida, enquanto, sua forma

¹⁰⁷ Καί μέ ἤρει σφόδρα ἡ τῶν ἀσωμάτων νόησις, καί ἡ θεωρία τῶν νοητῶν ἀνεπτέρου με τήν φρόνησιν, ὀλίγου τέ ἐντός χρόνου ὡμῇ σοφός γεγενέμαι, καί ὑπό βλακειᾶς ἤλπιζον αὐτίκα κατόψεσθαι τόν Θεόν. Τούτον γάρ τέλος τοῦ Πλάτωνος φιλοσοφίας” – então, me encantou fortemente o entendimento das coisas imateriais e, a teoria das coisas invisíveis reanimou o meu juízo, assim, então, me considere que em pouco tempo me tornaria sábio e, pela minha imbecilidade esperava que no mesmo momento contemplasse Deus, pois, esse é o objetivo final da filosofia de Platão (Dial. 2.63-65).

¹⁰⁸ Η καθ’ ἡμᾶς βάρβαρος φιλοσοφία – segundo a nossa filosofia bárbara” e, “γραφάς τινάς βαρβαρικός” – “alguns escritos dos bárbaros”. Τατιανός, Λόγος πρὸς Ἑλλήνες 29, 35.

¹⁰⁹ Justino alegava que existe em toda raça humana, por natureza, ou seja, inata, semente de Logos (2Apol. 8.1) e, nesse pressuposto, ele reconhecia que, “toda coisa boa que foi dita no passado é nossa, dos cristãos” (2Apol. 13.4) considerando com isso que Justino, por meio dos seus argumentos, queria construir uma “ponte”, que seja compatível entre o cristianismo com a filosofia gentílica. Essas suas palavras anteriores remetem ao discurso de Paulo, no Areópago de Atenas, quando citou poetas gregos que buscavam Deus (At 17. 27-28).

¹¹⁰ “οὐ γὰρ ἂν Πλατωνικοὶ ἦσαν οὐδὲ Στωϊκοὶ οὐδὲ Περιπατητικοὶ οὐδὲ Θεωρητικοὶ οὐδὲ Πυθαγορικοί, μᾶς οὕσης ταύτης ἐπιστήμης. Οὐ δὲ χάριν πολὺ χρόνος ἐγενήθη, θέλω εἰπεῖν” (porque, apesar de não pertencerem à escola platônica, nem todos eram estoicos, nem peripatéticos, nem pitagóricos, todos estavam sendo seguidos pela mesma ciência; pois (a filosofia) foi feita pelas diferentes linhas de pensamento) Dial. 2.61-62. A tradução é do autor.

¹¹¹ O gnosticismo em geral foi uma tentativa da mente filosófica de absorver o cristianismo e transformá-lo em uma simples filosofia religiosa, ou uma tentativa do pensamento religioso de dar à fé cristã uma explicação mais profunda da forma simples em que o evangelho foi originalmente apresentado, e transformá-lo em um sistema de “teurgia e em mistagogia” (THEODOROU, 1978).

de escrita seguiu o ambiente filosófico da época que, historicamente, é um período sobre o qual não temos informações suficientes.

Justino apoiou a posição que todos aqueles filósofos e poetas que viveram antes da encarnação de Jesus Cristo, que se revelou como o “Logos Divino”, tornaram-se capazes de buscar e discutir entre si, seja parcial ou imperceptivelmente sobre os entes e, por isso, seus ensinamentos incluíam apenas sementes de verdade:

Os ensinamentos de Platão não são diferentes dos ensinamentos de Cristo, mas não são totalmente iguais, como também os ensinamentos dos outros, ou seja, dos estoicos, dos poetas e dos demais escritores, não o são. Mesmo assim, cada um deles falou bem, em relação ao logos divino seminal que existe no seu interior, desde a sua origem¹¹².

Justino, nessa perícopa, acrescenta a diferença que existe entre os ensinamentos dos pensadores antigos, que se tornam completos e úteis somente na revelação plena de Cristo. Na mensagem do cristianismo, eles acabam sendo confirmados plenamente com seu valor autêntico e sua autoridade divina.¹¹³ A base da ideia inovadora de Justino é que, tudo que foi bem-dito por pessoas sábias, em relação ao desenvolvimento e a perfeição da vida do ser humano, foi influenciado pelo “logos seminal” que habita em cada pessoa que vem ao mundo. Deus havia espalhado por toda a humanidade uma semente da própria razão divina, a fim de buscá-lo e voltarem-se ao seu criador, visto que, “logo também, aos gentios Deus concedeu o arrependimento que conduz à vida” (At 11-18).

A grandeza da contribuição de Justino na teologia do cristianismo dos primeiros séculos foi a originalidade das suas obras. Sua formação filosófica é um instrumento importante de seu discurso, mas não o utiliza como fundamento de expor a verdade cristã. Oriundo de um ambiente filosófico, seu alvo foi criar um e verdadeiro filósofo, ou seja, “o filósofo cristão”. No olhar de Papadopoulos (2011), Justino não é um pensador sofístico do seu tempo, mas um catequista e genuíno mestre da Igreja, que tentou alcançar um grande desafio da sua época: dar a resposta ao judaísmo e gnosticismo sobre quem é Cristo Jesus e, juntamente, dar a resposta à filosofia greco-romana, apresentado o evangelho de Cristo, como a totalidade e consumação da busca humana. Embora a passagem filosófica dos conceitos de Justino seja uma ferramenta pertinente usada em sua obra, os pressupostos e o fundamento do seu pensamento são as Escrituras (Papadopoulos, 2011).

Considerações finais

A Igreja, no primeiro século, lutava para sobreviver às perseguições romanas e à polêmica dos judeus, por isso, a sua tentativa era de manter a fé, a perseverança e a unidade dos seus fiéis, através de cartas que os apóstolos enviavam às comunidades cristãs espalhadas em boa parte do império romano. Porém, no século II d.C., houve a necessidade de defender e apresentar o evangelho de Cristo aos gentios, principalmente no ambiente filosófico, no senado e aos imperadores romanos, por isso a Igreja reagiu com seus defensores intelectuais, os apologistas. As suas obras consistem de correntes filosóficas, das convicções religiosas, das percepções

¹¹² Οὐχ ὅτι ἀλλότρια ἐστὶ τὰ Πλάτωνος διδάγματα τοῦ Χριστοῦ, ἀλλ’ ὅτι οὐκ ἔστι πάντα ὅμοια, ὥσπερ οὐδὲ τὰ τῶν ἄλλων, Στωϊκῶν τε καὶ ποιητῶν καὶ συγγραφέων. ἕκαστος γάρ τις ἀπὸ μέρους τοῦ σπερματικοῦ θείου λόγου τὸ συγγενὲς ὁρῶν καλῶς ἐφθέγγετο”. Ἰουστίνος, φιλόσοφος καὶ μάρτυρ, Β’ Ἀπολογία υπὲρ τῶν Χριστιανῶν, πρὸς τὴν τῶν ρωμαίων Σύγκλητον. PG 6, 465, 13-B

¹¹³ “[...]μειζόνως καὶ θείως καὶ μόνοι μετὰ ἀποδείξεως” – [...]somente nós (os cristãos) demonstramos (a verdade) grandiosa e divinamente (1Apol, 20.3. B.E.Π.E.Σ 3, 172).

cosmológicas e das possibilidades políticas do seu tempo. Os fatores que determinavam o “clima” espiritual era o judaísmo, o helenismo, as várias religiões e o Estado romano. Por isso, todo esse mundo diverso e dinâmico foi, de um lado, um problema grande para a Igreja expandir o evangelho nas nações, de outro, porém, para os apologistas, consistiu em um instrumento adequado para que a mensagem do Evangelho chegasse em todas as camadas sociais.

Se os apologistas não expressassem a sua teologia, através da espiritualidade desse mundo, usando os meios que as pessoas pensavam, principalmente a linguagem que era necessária para formular o seu ensino, correriam o risco de ficarem afastados das evoluções que aconteciam ao seu redor. A maioria dos apologistas parece ter a consciência dessa problemática, para cumprir a Grande Comissão de Jesus, que era as Boas Novas serem espalhadas até o “fim do mundo”. No seu encontro com o contexto greco-romano, os apologistas adotaram a sua linguagem e aproximaram-se da sua cultura, apresentando a sua teologia de uma forma filosófica, que os intelectuais da época usavam. Além disso, o próprio termo “Teologia” – θεολογία, que foi adotado para apresentarem o ensino apostólico, é oriundo da tradição filosófica antiga.

O mais eminente dos apologistas, o filósofo e mártir Justino, foi um “teólogo” cristão inovador da sua época, o qual, na sua tentativa de construir algumas “pontes comuns” com o mundo que o cercava, não hesitou em comparar Cristo com Sócrates, o grande inovador da cidade de Atenas¹¹⁴ do século V a.C., e com suas ideias pioneiras. Apesar do pensamento filosófico de Justino apresentar um tom platônico e “sementes” estoicas, o seu

ensino e teologia são profundamente bíblicos e cristológicos, e de forma alguma altera a sua fé cristã. Em Justino, o cristianismo tornou-se a conclusão final da verdade, a manifestação da própria Palavra na pessoa de Cristo. A compreensão total da obra de Justino, bem como da sua pessoa, caracteriza-se como difícil, mas isso é justificado, porque boa parte de sua obra foi perdida, enquanto seus escritos foram determinados pelo ambiente social e religioso e pelas mudanças culturais da sua época. Por isso, Justino é considerado o teólogo da Igreja que liga a época pós-apostólica com toda tradição eclesial posterior.

Referenciais bibliográficos

ALTANER, B. & STUIBER, A. Patrologia: vida, obra e doutrinas dos Pais da Igreja. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 1972

CAMPENHAUSEN, Hans, Von. Os Pais da Igreja: a vida e a doutrina dos primeiros teólogos cristãos, 9ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

FILORAMO, Giovanni – RODA, Sergio. Cristianismo e Sociedade Antiga. São Paulo: Paulus, 1997

HADOT, Pierre. Τι είναι η Αρχαία Ελληνική Φιλοσοφία. Μετάφραση: Αντα Κλαμπατσέα. Αθήναι: 2002.

JAEGGER, Werner. Cristianismo primitivo e Paideia grega. Tradução de Teresa Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1991

LIEBAERT, Jacques. Os Padres da Igreja. Vol. I, séculos I-IV. Trad. Nadyr de Salles Penteado. São Paulo: Loyola, 2000

¹¹⁴Justino tinha a ousadia de dizer: “Sócrates revelou entre os gregos o que Cristo ensinou entre os bárbaros, quando o Logos tomou forma humana e se tornou homem e foi chamado Jesus Cristo” (1Apol. 5.4). “Οὐ γὰρ μόνον Ἕλλησι διὰ Σωκράτους ὑπὸ Λόγου ἤλεχθη ταῦτα, ἀλλὰ καὶ ἐν βαρβάροις ὑπ’ αὐτοῦ τοῦ Λόγου μορφωθέντος καὶ ἀνθρώπου γενομένου, καὶ Ἰησοῦ Χριστοῦ κληθέντος” (1Απολογία, P.G. 6, 5.4).

MARCONDES, Danilo. Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2013.

PEPIN, Jean. Η Πατερική Φιλοσοφία. Στό, Η Φιλοσοφία, τόμος Α': απο τον Πλάτωνα ως τον Θωμά Ακινάτη. Επιμέλεια έκδοσης, F. Châtelet. Μετάφραση Κωστής Παπαγιώργης. Αθήνα: Εκδόσεις Γνώση, 1989

ZIEGLER, Konrad. Ξενοφάνης ο Κολοφώνιος: ένας επαναστάτης τού πνεύματος. ΕΠΕΤ, Θεσσαλονίκη, 1960. pp.125-144. Disponível em: <http://epet.nlg.gr/all1.asp?id=1131&pg=0> Acesso: 06/09/2023

Obras em Grego

ZHZOYLIAS, Ιωάννης. Ελληνισμός και Χριστιανισμός: η συνάντηση των δύο κόσμων. Αθήνα: Αποστολική Διακονία της Ελλάδος, 2016

ΘΕΟΔΩΡΟΥ, Χρήστος. Η ιστορία του Δόγματος: από των Αποστολικών χρόνων μέχρι της Α' εν Νικαία Οικουμενικής Συνόδου. Αθήνα: Έκδοση του Πανεπιστημίου Αθηνών, 1978

ΚΑΛΦΑΣ, Βασίλης. Τίμαιος του Πλάτωνος, Εισαγωγή- Μετάφραση- Σχόλια. Αθήνα: Πόλις

1998.

ΚΟΥΚΟΥΡΑ, ΚΟΥΚΟΥΡΑ, Δήμητρα. Η Δεύτερη Σοφιστική και η Ρητορική Τέχνη. Θεσσαλονίκη, 2003

ΜΑΡΑΣ, Αναστάσιος. Το πρόσωπο του Χριστού σε φιλοσόφους και απολογητές. Αθήνα: Ηρόδοτος, 2003.

ΜΑΤΣΟΥΚΑΣ, Νικόλαος. Λόγος και Μύθος: με βάση την αρχαία ελληνική φιλοσοφία. Θεσσαλονίκη Πουρνάρας, 1997

ΠΑΠΑΔΟΠΟΥΛΟΣ, Στυλιανός. Πατρολογία. Τόμος Α'. Αθήνα: Εκδόσεις Γρηγόρη, 2011

ΤΣΑΜΗΣ, Δημήτριος. Εκκλησιαστική Γραμματολογία: από την αποστολική εποχή, ως την άλωση της Κωνσταντινουπόλεως, 2001

ΦΟΥΓΙΑΣ, Μεθόδιος. ΤΟ ΕΛΛΗΝΙΚΟ ΥΠΟΒΑΘΡΟ ΤΟΥ ΧΡΙΣΤΙΑΝΙΣΜΟΥ. Αποστολική Διακονία της Ελλάδος: Αθήνα, 1992

ΧΡΗΣΤΟΥ, Κ. Παναγιώτης. Έλληνική Πατρολογία. Τόμος, Β'. Θεσσαλονίκη: Ίδρυμα Πατερικών Μελετών, 1978.

Patrologiae, series Graeca. Jean-Paul Migne. Ιουστίνου Φιλοσόφου και Μάρτυρος, τα ευρισκόμενα πάντα. PG, 6. (1η και 2η Απολογία, Διάλογος με τον ιουδαίο Τρύφων).